

As condições materiais

As exigências materiais da imprensa artesanal, mesmo considerando a relatividade do tempo, foram sempre reduzidas. E isso se comprova facilmente não apenas pela constatação do que ocorreu no Brasil como pela generalidade dos exemplos. A constatação dos traços do caso particular brasileiro são eloqüentes, nesse sentido. Já em 1807, em Vila Rica, o padre José Joaquim Viegas de Menezes cometera a proeza, extraordinária para a colônia, de publicar um opúsculo de 18 páginas, das quais 15 impressas, abertas em chapas de cobre, com uma gravura, também calcográfica, representando o governador e sua mulher. Viegas de Menezes aprendera a arte na Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária, do Arco do Cego, em Lisboa, dirigida por Conceição Veloso. Sua capacidade ficara obscurecida na modéstia do meio colonial, a que retornara, até esplender na referida façanha e nas gravuras de cenas brasileiras que preparou para o pintor francês Pallière. Em 1820, a instâncias do português Manuel Joaquim Barbosa Pimenta e Sal, chapeleiro e sirigueiro, improvisou uma tipografia inteira, dos tipos ao prelo, aparelhando o tórculo e moldando e fundindo as letras. Concluída a oficina, nos fins de 1821, Pimenta e Sal solicitou isenção militar para os seus artífices, alegando “a prontificação de uma tipografia que bem merece o epíteto de *Patriótica* pelo emprego de letras e máquinas construídas na mesma imperial cidade”⁽²⁰⁾. Nessa oficina seria impresso o primeiro jornal mineiro, *A Abelha do Itacolomi*, em 14 de janeiro de 1824⁽²¹⁾.

A façanha seria repetida no Pará, por João Francisco Madureira que, em 1820, abriu, moldou e fundiu caracteres e construiu o tórculo, “sem mais socorro que a sua indústria e verdadeiro patriotismo”, amparado em algum dinheiro, conseguido por subscrição pública, podendo, a 28 de maio, apresentar à Junta do Governo Provisional, em letra de forma, requerimento para usar a sua oficina que, atendido, começou a imprimir pequenos avulsos⁽²²⁾. Desde o último quartel do século XVIII, ao que parece, produzia-se no Brasil cartas de jogar, havendo aqui, pois, prensas para reproduzir as figuras de baralho, abertas em chapas de madeira, e deveria ser rendosa a fabricação uma vez que foi objeto de diversos atos oficiais para sua regulamentação e, depois, de concessão em regime de monopólio, o que tornaria também rendosa a falsificação desse material destinado ao

(20) Carlos Rizzini: *op. cit.*, pág. 313.

(21) Informa Rizzini que o primeiro foi o *Compilador Mineiro*, ali impresso a 13 de outubro de 1823.

(22) Carlos Rizzini: *op. cit.*, pág. 325.